

Rosa/Lena: uma personagem, dois nomes e uma sexualidade enclausurada em romances de Lindanor Celina¹

Rosa/Lena: un personaje, dos nombres y una sexualidad enclaustrada en romances de Lindanor Celina

Rosa/Lena: a character, two names, and a cloistered sexuality in Lindanor Celina's novels

Paula Fernanda Pinheiro Souza

Raquel Terezinha Rodrigues

Resumo: Por meio de um olhar que investiga as pluralidades femininas em romances da escritora Lindanor Celina, este texto analisa a figuração da personagem Rosa/Lena nas obras *Menina que vem de Itaiara* (1963), *Estradas do tempo-foi* (1971) e *Eram seis assinalados* (1994); com o objetivo de compreender os significados envolvidos na mudança do seu nome e de seu protagonismo “encoberto”. Com base em apontamentos de Candido (2006), ao explicar como elementos externos à obra se tornam internos na estrutura narrativa, e de Butler (2003) e hooks (2019), ao tratarem, respectivamente, de heterossexualidade compulsória e lesbianidade, concluímos que a mudança de nome da personagem e seu protagonismo velado relacionam-se com o enclausuramento de sua orientação sexual, em um contexto conservador de anos das décadas de 1930 e 1940.

Palavras Chave: Lindanor Celina. Pluralidady feminina. Heterossexualidade compulsória.

Resumen: Por medio de una mirada que investiga las pluralidades femeninas en romances de la escritora Lindanor Celina, este texto analiza la figuración del personaje Rosa/Lena en las obras *Menina que vem de Itaiara* (1963), *Estradas do tempo-foi* (1971) y *Eram seis assinalados* (1994); con el objetivo de comprender los significados involucrados en el cambio de su nombre y de su protagonismo “encubierto”. Con base en apuntes de Candido (2006), al explicar cómo elementos externos a la obra se tornan internos en la estructura narrativa; de Butler (2003) y Hooks (2019), al tratar, respectivamente, de heterosexualidad obligatoria y lesbianidad, concluimos que el cambio de nombre del personaje y su protagonismo velado se relacionan con el enclausuramiento de su orientación sexual, en un contexto conservador en las décadas de 1930 y 1940.

Palabras Claves: Lindanor Celina. Pluralidad feminina. Heterossexualidad obligatoria.

Abstract: This text analyzes the depiction of the character Rosa/Lena in the works "Menina que vem de Itaiara" (1963), "Estradas do tempo-foi" (1971), and "Eram seis assinalados" (1994) through an investigative lens focused on the pluralities of female representation in the novels of writer Lindanor Celina. The objective is to understand the meanings behind the change in her name and her "hidden" protagonism. Based on Candido's (2006) insights on how external elements become internal within the narrative structure, Butler's (2003) concept of compulsory heterosexuality, and Hooks' (2019) discussions on lesbian identity, we conclude that the character's name change and veiled protagonism are linked to the cloistering of her sexual orientation within the conservative context of the 1930s and 1940s.

Keywords: Lindanor Celina. Female plurality. Compulsory heterosexuality.

¹ Este artigo faz parte de uma pesquisa de doutorado que está sendo desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Estudos de Literatura da Universidade Federal de São Carlos, sobre a escrita feminina da escritora paraense Lindanor Celina.

Paula Fernanda Pinheiro Souza – Doutoranda em Estudos de Literatura no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da Universidade Federal de São Carlos – PPGLit/UFSCar. E-mail: pinheir paula178@gmail.com

Raquel Terezinha Rodrigues – Professora doutora do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da Universidade Federal de São Carlos – PPGLit/UFSCar. E-mail: raquelterezinharodrigues@ufscar.br

INTRODUÇÃO

1. Lindanor Celina: uma escritora de personagens femininas plurais

Lindanor Celina Coelho de Miranda nasceu em 21 de outubro de 1917 no município Castanhal no Estado do Pará. Foi a primeira das três filhas de Oscar d' Andrade Schmidlin Coelho e Francisca Coelho. Quando tinha seus primeiros anos de idade, sua família se mudou para o município de Bragança, interior do Estado do Pará, e foi lá que ela passou toda a sua infância. Aos onze anos, foi morar em Belém para estudar o Ensino Normal no colégio religioso Santo Antônio e se tornar professora do primário. Quando se formou, retornou para Bragança, onde trabalhou como professora até passar em um concurso público da Justiça do trabalho, no qual foi nomeada para trabalhar em São Luís no Maranhão. Posteriormente, passados alguns anos, ela foi transferida para Belém. Casou muito jovem e teve três filhos. Só depois de tudo isso é que sua escrita literária teve, enfim, seu início.

De acordo com Pereira (2020), ao publicar seu primeiro romance, *Menina que vem de Itaiara*, em 1963, foi que Lindanor Coelho passou a ser Lindanor Celina, em homenagem a uma amiga-irmã e porque achou que o nome ficaria melhor para uma escritora:

deixou de ser Lindanor Coelho e acrescentou ao seu o nome Celina, homenagem àquela que foi uma de suas melhores amigas e colega de colégio, em Bragança, dona Celina Mártires Coelho [...]. Imaginava que Lindanor Coelho não era exatamente um nome de escritor, um tanto árido, talvez, e precisava de outro que desse a ela a doçura infinita que sua amiga-irmã possuía. Por isso cortou o Coelho e passou a se chamar apenas Lindanor Celina. (PEREIRA, 2020, s/p)

Já era, portanto, Lindanor Celina, a escritora e mulher madura, quando retomou seus estudos e ingressou em um curso superior. Nessa época, ela já tinha quase cinquenta anos e era mãe de três rapazes: Henrique Oscar, Fernando Lúcio e Cláudio Antônio. Sobre essa parte de sua vida, há algumas informações no Livro *Lindanor: a menina que veio de Itaiara* (2004), obra organizada por Amarílis Tupiassú, João Carlos Pereira e Madeleine Berdan. Sua irmã, Lucimar Coelho Penna (2004), lembra como 'Linda' passou por sacrifícios para conciliar trabalho e estudos: “passou vários anos trabalhando todas as manhãs na Justiça do Trabalho – quando o expediente era à tarde – para conseguir fazer os seus cursos na Universidade Federal do Pará” (PENNA, 2004, p. 51).

A respeito desse mesmo período, Tupiassú (2004) conta que foi quando conheceu Lindanor Celina, que cursava em 1967 o segundo ano da graduação em Letras e Artes na Universidade Federal do Pará:

Já era mulher, mãe de filhos homens, quando, no ano de 1967, num casarão antigo sobrevivente ainda na rua Arcipreste Manoel Teodoro, imediações da praça de Ferro de Engomar, Lindanor cursava o segundo e eu, o primeiro ano de Letras e Artes [...]. À primeira aproximação, ver-se-ia: extrovertida, risonha de gestos rápidos e inquietos; era o que se pode chamar de uma pessoa “dada”, simpaticíssima e livre, no dizer o justo que lhe viesse à telha. Podia até chocar, mas sabia interferir nas situações, mesmo nas difíceis. Era franca e delicada, muito terna, nunca arredia e ensimesmada, aqui e ali, esfarinhando jatos de raiva quando

se sabia pasto das maledicências, maldades mesmo, geradas por viver o que bem entendia, parecendo não estar nem aí para o disse-me-disse que provocava. Seguiu em frente, aparentando impassibilidade ao alarido, nunca ensarilhou revides nem cobranças. (TUPIASSÚ, 2004, p. 9)

A autora menciona ainda que Lindanor, a mulher já vivida, “nas rodas, pelo casarão das letras, participava sem reservas, quantas e quantas vezes, dos complôs estudantis num tempo de medo e repressões políticas, ela a dama ousada, experimentada, pontificando entre os muito jovens” (TUPIASSÚ, 2004, p. 9). Etarismo, bem como outros preconceitos, não faziam morada na vida da escritora. O seu espírito era de uma eterna aprendiz curiosa e, até quando pôde, estudou, escreveu, amou e se encantou.

Lindanor também foi aluna da Escola de Teatro da mesma universidade, onde, posteriormente, foi professora de Estética. Ela foi chamada para ministrar a disciplina antes mesmo de terminar o seu curso: “E mais tarde, quando Benedito Nunes e Paulo Mendes se aposentaram da dita Escola, Cláudio e eu fomos convocados, os dois (eu ainda nem terminara o Curso), para lecionar, respectivamente, ele, História e Teoria do Teatro, eu, Estética” (CELINA, 2003, p. 23).

Em algumas de suas crônicas, ela comentava satisfeita sobre ter sido atriz e das aulas de estética que ministrou na UFPA. A respeito dessa sua última atividade, em *Roteiro Amsterdam (II)*, escrita em outubro de 1973 – do livro *A viajante e seus espantos* (1988) –, ao visitar um museu, a escritora expressa um pouco da metodologia que usava em suas aulas:

Mas quem eu queria aqui comigo era meu filho Pintor e meus alunos de Estética! A estes, diria nadíssima, só os levaria pela mão, os colocaria assim de manso, perante a Beleza, e me ficava de lado, assuntando. Eles que fossem despertando, se alumbrassem, curtissem, e até chorassem. (CELINA, 1988, p. 16)

Levando isso em consideração, e diante de escrita literária de Lindanor, compreendemos o quanto a escritora prezou pelo “não dito”, mas recuperável; isso para que leitoras/es pudessem se deleitar perante suas obras por meio de um sentir que não advém do que está somente posto em palavras, mas também na estrutura textual – como será apontado neste texto ao analisarmos a personagem Rosa/Lena.

A escritora fez doutorado em Paris, na Sorbone, onde defendeu tese sobre a ficção de Mário de Andrade. Conhecer Paris era um sonho seu de infância, despertado por meio das leituras literárias que fez por influência de seu pai quando ainda era uma menina. Ao falar sobre a sua vontade de ser romancista, ela revela que avaliava ser um sonho tão impossível como um dia imaginou ser o de conhecer Paris:

Talvez no muito escondido, sem falar a ninguém, a vontade de escrever umas estórias, contar coisas. Mas remota e irrealizável como a de conhecer Paris - esta vinha de mais longe, dos recuados da infância, dos volumes que pilhava na estante de Papai, os Balzac, os Pardaillan, os Rocambole. Ia criando filhos. Funcionária (de mediana competência). Assim ia levando os meus tantos deveres, mais ou menos capengando. E cronicava, depois de haver tentado, sem mais o mínimo sucesso, a poesia. (CELINA, 1983, p. 11-12)

O anseio de ir à Paris se concretizou de uma forma que a escritora nunca imaginou: antes do seu doutoramento, ela fez algumas viagens ao país, devido ao vínculo que possuía com a Aliança Francesa de Belém. A sua primeira ida ocorreu quando, em 1957, ela ganhou um concurso da Aliança Francesa, cujo prêmio era uma viagem para aquele lugar que sempre despertou sua curiosidade e encantamento.

Sobre essa viagem, em crônica intitulada *A Cinderela da piedade*, contida no livro *Crônicas intemporais* (2003), a escritora afirma que ainda guardava alegrias sem fim daquela sua primeira viagem e fala um pouco sobre como se sentiu quando ganhou o concurso:

Das alegrias sem fim dessa viagem (sim, sem fim, pois que até hoje delas me nutro), o relato não cabe mais aqui. Numa manhã de março, resplandecente e linda, naquela cidade de Santa Maria de Belém do Grão Pará, eu virei Cinderela. Eu, que não tinha um pau para dar num cachorro (como se diz no Nordeste), vi-me dona do mundo, em passe de mágica; coquetéis, entrevistas, fotos, toda essa agitação era quase como se o acontecido fosse a uma outra, eu era a ator e o espectador, ao mesmo tempo. (CELINA, 2003, p. 96)

Mas foi em 1974 que ela passou a morar lá permanentemente e se tornou professora da Universidade de Lille III, onde ministrava aulas de Língua e Literatura portuguesa e brasileira. Para ir de sua casa até a universidade, ela enfrentava um longo caminho de trem – árduo para uma senhora; mas sua alegria eram os seus muitos alunos, que, de três em seu primeiro ano de trabalho, se multiplicaram significativamente nos anos seguintes:

Os três alunos do meu primeiro ano ali se multiplicaram de maneira assustadora. Tivemos que ocupar um anfiteatro, os efetivos, centenas, mais. A secretária alarmou-se, vimo-nos compelidos a reduzir a matrícula dos optativos a 100. Como dar conta do recado sozinha? Até hoje não sei. Sei que nos amávamos. De repente me vi “mãe” de 150 filhos. O vocábulo “mãe” não é por acaso: um dos raros senões, diria mesmo o único, a única restrição que alguns maiores da área fizeram sobre a minha pedagogia, foi: madame de Miranda é demais maternal para com os seus alunos. (CELINA, 2003, p. 100)

Foi pelo amor em ensinar e, especialmente, aprender que, por dezessete anos, fez aquele caminho de trem até a Universidade do Lille III. Com a vontade de compartilhar conhecimentos e o carinho e o cuidado dos seus alunos, Lindanor cumpria seis horas ininterruptas lecionando:

A maior alegria eram os alunos, aquele amor ainda nascente, mas já tão consolante. Uma prova? Inúmeras eu lhe daria, leitor, por exemplo: as fomes e as sedes que eles me aliviavam, como se eu fora deles uma tia, a madrinha? É, que meu horário de trabalho era duro: seis horas ininterruptas de aula, das 10 da manhã às 16, sem pausa para engolir um pouco d'água. Pois aquelas meninas, aqueles rapazes não raro me surpreendiam: subiam até a minha “cátedra”, um copo com café escaldante na mão; ou uma fruta, um docinho: “Para a senhora levantar forças”. (CELINA, 2003, p. 81)

Desde que se fixou em sua nova morada na França, a escritora se tornou uma “viajante”. Ela se descrevia como “uma passeadeira” e o “dinheirinho” que ganhava “dando aulas ou escrevinhando” era “para ‘badalar’, furar o mundo” (CELINA, 1992, p. 75). Além de passear, ela pretendia, obviamente, aprender cada vez mais. Em suas viagens para Portugal, por exemplo, não apenas visitar amigos e conhecer lugares lhe prendiam, mas também estar sempre aprendendo sobre a língua e suas transformações, tudo isso para ministrar com competência suas aulas na Universidade do Lille:

Eu ia, em média, duas vezes por ano a Portugal. É que, leciono língua e Literatura portuguesa e brasileira, tinha de estar atenta, língua é organismo vivo, e como mudam as expressões, a gíria etc. Não fosse bastante esperta, para “estar em dia” com as novidades linguísticas, meus alunos de origem portuguesa da Universidade de Lille III, me apanhariam em flagrante de incapacidade para o cargo. (CELINA, 2003, p. 105)

Com sua alma de viajante, a escritora conheceu, amou, se espantou e gravou poeticamente em suas crônicas momentos que viveu na França, Holanda, Espanha, Portugal e Grécia – algumas dessas crônicas estão reunidas em *A viajante e seus espantos* (1988) e *Diário da ilha* (1992). Já separada do seu marido brasileiro, muitas dessas viagens ela fez ao lado de um grande amor que conheceu naquele país que foi também sua morada. Lá, casou no religioso com Serge Casha e passou a viver com ele em Clamart até os seus últimos dias de vida.

Lindanor teve muitos momentos felizes ao lado de Serge, mas a sua mudança para França não foi somente alegrias. Em algumas crônicas, especialmente nas do *Diário da Ilha*, a escritora fala sobre suas maiores saudades do Brasil: mãe, filhos, amigos, Belém, Bragança... Por ser mulher e mãe, de filhos já adultos, como enfatiza Amarilis Tupiassú (2004), ela foi julgada por tomar a decisão de ir viver sua vida longe dos seus:

O certo é que a escritora também escandalizava. Escandalizou, quando jogou para o alto seu tesouro belenense, quando pareceu jogar para o ar os seus afetos, seus cuidados. Insistia em que não por desamor, desapego e sim por salvação própria, o coração aos pinotes, indo fincar seu pé de vida na França. Foi muito apontada por isso. “A egoísta, mãe desalmada, ter coragem, a impiedade de largar os filhos [já adultos] e abalar para o desconhecido de si, para si, ao usufruto do seu desejo”. Poucos poderiam medir, entretanto, o tamanho de seus tormentos quando desmontou teres e haveres tão certos e assegurados e afivelou os fechos dos baús da travessia, sem alhear-se, contudo, de suas pátrias originárias; sem deixar, de longe, que seus enraizados, sua lavra amazônica, sua fala amazônica se estorricassem. (TUPIASSÚ, 2004, p. 12)

Ao se estabelecer em um novo país, Lindanor Celina jamais deixou de lembrar com saudade dos seus familiares e amigos, do seu Estado do Pará, da sua amada Belém e do Círio de Nazaré. Ao ler uma carta de sua amiga Leonor, que falava sobre o Círio, ela tem um momento de reflexão profunda da vida que levou e do desejo de deixar um legado relevante em seu Estado natal:

Daí me mandam recados de amor: “Quando a Santa passou, rezei por você”. Quanta verdade nova me tem vindo nestes dias, da minha Belém, dos meus amigos, neste outubro final, contraditório outubro, portador de amargas

lembranças, mas que me traz também, nestas horas, a doçura de saber que, apesar de tudo, alguma coisa ficou, algo plantei ali, algo fabriquei, teci – de durar, quem sabe... (CELINA, 1988, p. 27)

Nesse trecho fica perceptível a vontade da escritora em fixar a sua contribuição literária nos solos que tanto amava. Isso também expressou em entrevista para Elias Pinto, em 1990, quando ela fazia uma de suas visitas ao Brasil. Ao final da matéria, o jornalista pergunta se ela gostaria de acrescentar mais alguma coisa e ela revela que trabalhava em Paris também para falar do seu Estado:

Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

Eu amo vocês todos. Não se esqueçam de mim. Só peço que me deem um pouquinho do amor que eu tenho por vocês, gente do meu Pará. Eu trabalho por vocês lá na França esses anos todos. Sem Lindanor, ninguém saberia o que é o Pará, pelo menos nos círculos universitários. (PINTO, 2017, 124)

Esse sentimento dividido, entre saudades da família e viver seus sonhos, se encontra retratado em várias de suas crônicas. Mesmo morando fora do país, ministrando aulas e escrevendo seus romances, ela ainda continuava escrevendo para um jornal de Belém, como é possível verificar no trecho a seguir:

Hoje – coisa que nunca fiz e contrariando um hábito de mais de trinta anos de jornalismo – reverencio o meu jornal. Que me acolheu quando, morta A Folha do Norte, e após um breve “passar chuva” em o *O Jornalista*, A Província do Pará abriu-me suas portas. Ali achei um cantinho que venho mantendo, como posso, com interrupções e colapsos (que desesperavam o saudoso Roberto Jares), pois não é fácil morar em Paris, lecionar em Lille, trabalhar romances e colaborar firme num periódico na Amazônia. (CELINA, 2003, p. 49)

Lindanor Celina foi uma mulher fascinante, que fazia amizade com facilidade, não apenas com intelectuais iguais a ela: formados em universidades. Outros intelectos também lhe fascinavam, isto é, aqueles advindos de pessoas simples cuja sabedoria não se limitava aos livros, mas as experiências do cotidiano. Tudo isso é perceptível não só nas suas crônicas, mas também em seus romances e personagens, sobretudo, as femininas que são destaque em sua trilogia.

Ela se descrevia como uma rezadeira e era apegada aos santos católicos. Mas nem por isso deixou de ser crítica ao que via como equívoco naquela que foi sua religião – como teceu, por exemplo, na trilogia. Celina tinha muitas faces, sua sobrinha Madeleine Bedran (2004), ao falar dela, a descreve como “tia Linda, tia danada, tia assanhada, tia engraçada”, que “viajou, cantou, chorou, dançou, desenhou, escreveu, viveu, pintou e bordou, ousou” (BELDRAN, 2004, p. 55).

Em 4 de março de 2003, a escritora faleceu em seu apartamento em Clamart. Suas cinzas foram trazidas alguns meses depois para o Brasil para serem jogadas em Belém, na baía do Guajará, como foi desejo seu em vida. Até no momento de despedida, Lindanor Celina se fez poesia, como descreveu Madeleine Bedran:

E quando foi embora, quando suas cinzas caíram na baía do Guajará, na-

quele fim de tarde no dia do seu aniversário, a Natureza saudou seu retorno com uma imensa coroa de mururés, um círculo verde de folhagem de aguapés que saiu do porto de Belém acompanhado o barco onde estavam seus amigos e familiares. E não voltou. (BELDRAN, 2004, p. 55)

É certo que ela se foi fisicamente, mas permanece viva em suas obras como uma grande escritora, mesmo que de maneira ainda muito marginal devido aos preconceitos que a autoria feminina sofreu ao longo da história. Mesmo sabendo disso, Linda ousava escrever. Em crônica de *O diário da Ilha* (1992), ela afirma que escrever lhe mantinha viva:

Tentei mais de uma vez “não-escrever”. O resultado foi uma espécie de mal-estar físico – sim senhor, não moral, físico, quase como quem está se afogando. Talvez seja bom sinal: enquanto me debato e meu corpo recusa o falso sossego (largar a pena, abandonar os cadernos), não será signo de que a morte ainda não me tocou a fonte com seu dedo gelado? (CELINA, 1992, p. 161)

Depois que iniciou sua escrita literária, portanto, não conseguiu mais parar; segundo ela, somente a morte podia lhe separar da escrita: “com a pena te uniste, nas amenas, nas escuras horas; na empolgação, na tristura; no momento mais vibrante, no mais descolorido, até que a morte vos separe” (CELINA, 1992, p. 38). Escrever, para Lindanor Celina, era uma necessidade vital. Se não tivesse partido, é certo que outros títulos teriam sido publicados.

Apesar de amar verdadeiramente sua vida literária, a escritora era muito realista quando comentava sobre os sacrifícios da vida de um romancista. Ao refletir sobre a vida de Dalcídio Jurandir, ela enfatizava “quão cruel e ingrata e árdua e inglória” era a profissão de um escritor; ainda “mais num mundo onde não se dá nenhuma relevância à nossa arte, e onde os poderosos não têm remorsos de deixar morrer na indigência os seus gênios” (CELINA, 1983, p. 30). Apesar dessa lucidez, assim como o amigo, Celina, desde que começou a escrever, jamais deixou seus cadernos. No conjunto total das obras da escritora, há seis romances, quatro coletâneas de crônicas, um livro de memórias e duas peças teatrais.

As obras de Lindanor Celina, infelizmente, há anos não são reeditadas, mesmo ela sendo umas das escritoras paraenses mais conhecidas no Estado, ao lado de nomes como Eneida de Moraes (1904-1971), Maria Lúcia Medeiros (1942-2005) e Olga Savary (1933-2020). Apesar de tal reconhecimento, Santos e Ribeiro (2013) chamam atenção para o fato de que ela e as outras escritoras citadas não são estudadas nas escolas e até em alguns cursos de formação de professores de Língua Portuguesa no Estado do Pará. Nesse mesmo sentido, Silva Neto e Vidal (2020), ao mencionarem as mesmas escritoras, esclarecem como a literatura delas ocupa um lugar de subalternidade, mesmo elas sendo mulheres brancas e que tiveram acesso à educação formal:

A escrita paraense de autoria feminina, mesmo a produzida por mulheres brancas de classe média, permanece na condição de literatura marginal, no sentido de ser tradicionalmente considerada uma literatura menor, de qualidade inferior. Quanto aos textos de escritoras negras, ameríndias e afro-ameríndias, que compõe grande parcela da população local, o espaço é ainda mais restrito. (SILVA NETO; VIDAL, 2020. p. 18)

Em âmbito nacional o cenário não é diferente, a escritora não é sequer mencionada no âmbito do cânone literário. Isso porque ela, que foi reconhecida merecidamente em seu tempo no meio literário por meio de prêmios, veio tendo a sua voz/produção silenciada. O que é consequência de um projeto misógino e colonialista que inviabiliza o (re)conhecimento de inúmeras escritas literárias em nosso país, especialmente aquelas advindas de regiões que se encontram às margens do cenário literário nacional, como a Amazônia. Tudo isso não pela falta de bons escritores, mas por questões geográficas, sociais e políticas que silenciam muitas vozes literárias da região. No que tange à escrita feminina, a invisibilidade é ainda maior.

Apesar disso, felizmente, há em nosso século o interesse de muitas/os pesquisadoras/es em resgatar, analisar e tornar acessível muitas escritas de autoria feminina que sofreram processo de apagamento ou tentativa de silenciamento. A respeito da literatura de Celina, encontramos artigos, dissertações e teses que enriquecem a fortuna crítica da autora.

Sobre os romances de nosso interesse, *Menina que vem de Itaiara* (1963), *Estradas do tempo-foi* (1971) e *Eram seis assinalados* (1994), há três dissertações produzidas: “A cartografia de Irene na trilogia de Lindanor Celina”, de Maria das Neves de Oliveira Penha (2008), defendida no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará, campus Belém; “Reflexões sobre a estrutura narrativa em *Eram seis assinalados*, de Lindanor Celina”, de Rosa Helena Sousa de Oliveira (2009), defendida no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará, campus Belém; “Lugares de Lindanor: um estudo sobre as perspectivas de região e espaço nos romances de Lindanor Celina, de Lindanor Celina” de Abílio Cavalcante Dantas Neto (2018), defendida no Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes da Amazônia da Universidade Federal do Pará, campus Bragança.

Além das pesquisas de mestrado, há ainda duas teses, defendidas recentemente, que têm como objeto de pesquisa romances da trilogia. A primeira, intitulada “Pelos olhos de Irene – deslindando Lindanor Celina, Escritora, Personagem” (2022), de Carla Figueiredo Marinho Saldanha, defendida no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Pará, campus Belém. Já a segunda, “A professora primária nas personagens femininas nas obras romanescas de Lindanor Celina (1920-1930) Belém – Pará” (2023), de Guthemberg Felipe Martins Nery, defendida no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Pará.

As três dissertações analisadas são muito diferentes entre si, pois cada uma segue um caminho de interpretação muito peculiar sobre os romances. Caminhos necessários e extremamente relevantes para que possamos também caminhar pela direção que escolhemos. Maria Penha (2008) aborda em suas pesquisas toda a trilogia, com o objetivo de analisar o desenvolvimento da protagonista Irene por meio de conceitos da psicanálise. Dessa maneira, a interpretação sobre papéis sociais femininos aparece, em alguns momentos, através de comentários não muito profundos, o que é compreensível, já que se trata de uma pesquisa de mestrado que tinha o objetivo de realizar interpretações psicanalíticas.

Rosa Oliveira (2009) optou por analisar apenas a última obra da trilogia e seu objetivo se concentrou na estrutura da narrativa do romance. Ao apresentar personagens e enredo, ela também aponta algumas interpretações relacionadas à questão feminina, mas sem maiores aprofundamentos, pois o trabalho se propôs a dar conta de muitos aspectos: narradores, personagens, espaço, enredo, tempo e estilo. Logo, não houve o intuito relacionado a interpretações mais sociológicas em relação a estrutura narrativa, o que é compreensivo por não ser a intenção da pesquisa.

Na dissertação de Dantas Neto (2018), o autor aborda um pouco sobre a questão feminina em Lindanor, pois considera “ser inapropriado, e mesmo passível de duras críticas, abordar a Região em Celina [...] sem que a condição da mulher fosse focalizada em sua complexidade e especificações preliminares no campo da teoria literária” (DANTAS NETO, 2018, p. 116). Entretanto, ele explica aquilo que também observamos nas outras pesquisas sobre as obras que investigamos, que o aspecto ligado ao gênero em Lindanor Celina ainda precisa ser discutido em outras pesquisas acadêmicas e que a sua dissertação “procura contribuir com discussões introdutórias nesse aspecto” (DANTAS NETO, 2018, p. 117).

A duas teses, contudo, tem como objetivo analisar personagens femininas e suas condições de gênero de forma central. De tal modo, apontam discursos e costumes misóginos que atingiam as personagens, mas também as transgressões que as personagens traçaram. Percebemos que, nesses textos, os autores conseguem alcançar a importância dos femininos em Lindanor Celina de maneira aprofundada. Posto que consideram várias figurações femininas e seus problemas de gênero. Saldanha (2022) analisa as personagens: Irene, Célia Martins, Heloísa e Aldora e Adélia. Nery (2023), por sua vez, analisa: as professoras Angelina, Delmira, Ivanildes e Irene.

É certo que a trilogia figura vivências femininas marcadas pela cruel condição de gênero. Dessa maneira, destacamos a genialidade que vários problemas femininos vividos pelas personagens são entrelaçados nos três romances. Assim, a escritora problematiza sobre misoginia, casamento, maternidade, recato, trabalho..., mas é imprescindível notar ainda as pluralidades identitárias das personagens e como essas diversidades passam a ser determinantes em suas respectivas vivências.

Percebemos ainda que ela tece personagens femininas muito distintas quanto à classe, raça, sexualidade e localização geográfica; assim, a escritora imprime em sua trilogia a figuração de inúmeros conflitos marcados por condições muito específicas. Dessa forma, acrescentamos que, nos três romances, as vivências femininas díspares se ampliam com o desenrolar da “história de Irene”. Na pesquisa de doutorado que estamos produzindo, destacamos personagens e intersecções: Irene e Adélia (mulheres brancas pobres); Maria Alzira e Heloísa (mulheres negras); Rosa/Lena (mulher homossexual); e, Diquinha (mulher ribeirinha); a fim de analisar como a escrita feminina de Lindanor teceu os problemas de gênero femininos permeado pelas pluralidades e valorizou as diversidades das personagens que vivem dores, amores e resistem aos seus modos.

Deixar de analisar as intersecções é perder a grandeza da escrita de Lindanor Celina, uma mulher branca, jornalista, professora e escritora que conseguiu adquirir ao longo de sua vida uma visão ampla e questionadora acerca de si e do mundo, das suas dores e das dores de outras mulheres. Ao alcançarmos essa interpretação, percebemos que a escritora tece, portanto, uma crítica não apenas contra o patriarcado, mas também contra a branquitude, contra a heteronormatividade e contra outros preconceitos colonialistas que atingem as mulheres de maneiras cruéis.

Neste artigo, devido ao espaço limitado para análise, destacamos a personagem Rosa/Lena; com intuito de verificar como a escritora trouxe, nas linhas e entrelinhas das três obras, questões ligadas à sexualidade feminina. Destacamos essa personagem pois sua vida amorosa foge dos padrões impostos pela heterossexualidade. Para isso, a partir de agora, o artigo encontra-se dividido em quatro partes: no tópico *Rosa/Lena: para além de apenas a melhor amiga da protagonista*, apresentaremos os motivos pelos quais a personagem chamou nossa atenção para análise, bem como a metodologia e as teóricas feministas que embasam nossa análise. Em *Rosa/Lena/Rosa: quem é essa personagem?*, analisaremos os significados das mudanças do nome da personagem nos três romances. Em *Livro*

de Lena: censurado socialmente, mas narrado na ausência, interpretaremos os motivos do protagonismo encoberto da personagem no romance *Estradas do tempo-foi*, no qual há vários protagonismos femininos destacados. Em seguida, em *Pelas ruas dos fundos, terrenos baldios, becos e arruados de subúrbio: vivendo e resistindo pelas margens*, nos centraremos em analisar como Rosa/Lena lida com os enclausuramentos que lhe são impostos. Por fim, traremos as considerações finais, na qual enfatizaremos o comprometimento da escrita de Lindanor Celina com a pluralidade feminina.

2. Rosa/Lena: para além de apenas a melhor amiga da protagonista

A trilogia, escrita por Lindanor Celina, formada pelos romances *Menina que vem de Itaiara* (1963), *Estradas do tempo-foi* (1971) e *Eram seis assinalados* (1994), retrata, sobretudo, a formação da personagem Irene, desde a sua infância até os primeiros anos da sua fase adulta nas cidades paraenses Itaiara² e Belém. A personagem, ao longo da sua jornada de formação, desafia regras impostas às mulheres e se torna uma mulher transgressora que, em meio às dificuldades, consegue se formar professora e fugir daquilo que a sociedade da época impunha como lugar de mulher: o casamento e a maternidade. Em meio à história de Irene, há outras trajetórias femininas que consideramos relevantes nos romances. Desse modo, por meio de uma perspectiva que investiga a pluralidade feminina na obra da romancista, destacamos a personagem Rosa/Lena que, até o momento, não possui maiores interpretações sobre sua trajetória.

Rosa Martins é uma personagem que, assim como Irene e dona Adélia, se encontra presente nos três romances analisados. A personagem se torna amiga de Irene em Itaiara, quando elas ainda não tinham nem doze anos de idade. É perceptível que a amizade das duas se consolidou em irmandade devido aos comportamentos parecidos que elas possuíam. Rosa/Lena, bem como Irene, desde a infância e adolescência, apresentava comportamentos que não eram condizentes com o que a sociedade patriarcal ditava e esperava das meninas e moças durante anos das décadas de 1930 e 1940. Tratam-se, portanto, de duas personagens que desafiavam desde muito cedo os padrões de feminilidade impostos socialmente. Ao narrar momentos da programação do Círio em Itaiara, Irene conta como ela e a amiga se divertiam durante os festejos:

Eu e Rosa, esgotados os divertimentos comuns, tratávamos de criar outros, saíamos a malinar com Deus e o mundo. Alfinete em punho, estourávamos balões sem conta, de meninos que berravam, desadorados, as mães no descomposto: “Menina sem termo, onde está a tua mãe que não te dá uma criação, assanhada?” Fugíamos, a fogueatear noutro canto, a surrupiar varetas, delas fazíamos estoque. Com as varetas, gostoso era pegar um desprevenido, e sentá-las na cabeça: toque! Ou tirar, em passe de mágica, chapéus de sisudos cavalheiros. Ouvíamos era os resmungos, a pragas nos nossos rastros. (CELINA, 1997, p. 86)

Nessas brincadeiras, consideradas “de menino”, as duas amigas se tornaram cúmplices. Dessa maneira, compartilharam muitos momentos da infância. Várias foram as vezes que elas fugiram do grupo escolar para andar por Itaiara aprontando tudo que podiam para viverem momentos divertidos. Em uma dessas vezes, elas encontraram um vendedor de cocadas e, mesmo sem dinheiro para comprar o doce, Rosa fala para o homem que depois de brincar elas iam adquirir alguns dos

²Itaiara é o nome fictício dado por Lindanor Celina para cidade de Bragança/PA nos romances que compõe a trilogia de Irene.

doces que ele estava comercializando. O plano inicial de Rosa era pedir dinheiro para o tio de Irene, que era namorado de uma de suas tias:

Cocadas de Josino eram famosas, tal como os pés-de-moleque, broas e tacacá da tia Joana, da dona Cota. A fome nos roía, a merenda, tínhamos comido cedo. O Josino descansou o tabuleiro na calçada da igreja. Viu-nos aproximar, descobriu as cocadas, amarelinhas, cheirosas, que benza-te Deus: “Quantas querem, meninas?”. A Rosa, em certas horas mais expedita, falou: “Já, não, seu Josino, inda é cedo, vamos brincar um bocado, depois a gente vem. Eu disse: “Pra que tu enganaste, o coitado vai ficar de castigo. Esperando”. “Cala a boca, sua burra, vamos arranjar o dinheiro, é que é”. “Mas como, Rosa, de que jeito?”. “Ora, pedir pra teu tio Queto na loja. Ele nem vai negar, nem dizer nada, por causa de tia Elisa”. “É o que tu pensas, ele vai é nos ralhar, nos mandar para o grupo. Não, tio Queto não serve”. (CELINA, 1997, p. 110)

Como Irene descartou a ideia inicial da amiga para conseguir o dinheiro, ela teve uma ideia mais errada ainda, especialmente para duas meninas que faziam aulas de catecismo e iriam confessar seus pecados ao padre antes da cerimônia da catequese. Irene propôs que elas fossem tirar esmola para São Benedito, santo padroeiro da cidade, para que, assim, pudessem comprar as cocadas que tanto desejavam:

Foi aí que me deu uma ideia do diabo: “E se a gente fosse tirar esmola pra santo, pra São Benedito?” Rosa me olhou espantada, mas o espanto nem durou, depressa aceitou. As cocadas do Josino nos esperavam na calçada da igreja [...]

- Sim, vamos tirar esmola, mas pra São Benedito não, não vê que essa festa ainda está meio longe, falta quase um mês. (CELINA, 1997, p. 110)

Apesar do espanto inicial, Rosa cede sem hesitar e ainda contribui para o plano imaginado pela amiga. Nesse primeiro romance, Rosa não é uma personagem que desperta tanto interesse para se tecer uma crítica aprofundada de sua figuração, pois ela é apenas a amiga da protagonista e não tem uma história propriamente sua desenvolvida. Em *Estradas do Tempo-foi*, contudo, apesar de não ter um capítulo todo seu, ela ganha mais espaço na narrativa; além disso, ao olharmos mais cuidadosamente para sua condição nos romances, compreendemos que Lindanor Celina a construiu também nas entrelinhas das narrativas, o que despertou nossa atenção crítica para ela. O que inicialmente chamou nossa atenção foi a mudança de nome que a personagem passa ao longo da trilogia.

Na infância, quando a personagem vive em Itaiara, ela é a menina Rosa, sem muita aparição e sem nenhum namoro citado, diferente da amiga Irene que tinha um certo chamego com Maurício – primeira obra. Em seguida, quando está no internato em Belém, é a Lena, apaixonada por uma outra moça e disposta a quebrar regras conservadoras – segunda obra. Por fim, quando retorna para Itaiara já adulta, ela é Rosa, que se casa com um homem e tem uma filha – terceira obra.

Além da mudança no nome da personagem nos romances, o que também nos despertou o desejo de investigar sua trajetória nos romances foi uma paixão que ela teve por uma freira. O romance “proibido” é descrito na obra como algo passageiro e sem concretização. Foi preciso desconfiar disso para encontrarmos os conflitos que a personagem vive devido sua sexualidade considerada desviante por aquela sociedade.

Tudo isso possibilitou refletirmos sobre algumas situações que a personagem vive em *Estradas do tempo-foi* e que apontam para o enclausuramento social que ela foi obrigada a viver. Dessa maneira, o nosso objetivo neste texto é analisar a mudança do nome da personagem de Rosa para Lena no segundo romance, bem como o retorno para Rosa no terceiro, e verificar os significados do seu “protagonismo”, que caracterizamos como “encoberto”.

Diante dessas considerações e tendo em vista que, “o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno” (CANDIDO, 2006, p. 14), buscaremos compreender metodologicamente como elementos sociais estão estruturados no romance para enfatizar a condição de uma personagem que acreditamos merecer mais destaque do que a crítica até então lhe deu.

Como Rosa/Lena nos permite fazer importantes reflexões acerca de uma sociedade que, infelizmente, até hoje interpreta a sexualidade de maneira normativamente conservadora, utilizaremos contribuições de intelectuais feministas como Butler (2003) e hooks (2019), para tratar, respectivamente, sobre heterossexualidade compulsória e lesbianidade, a fim de compreender como a narrativa constrói uma crítica social por meio da figuração dessa personagem. Desse modo, esperamos destacar como essa personagem não caminhava lado a lado com suas amigas de internato, pois ela vivia problemas de gênero relacionados à sua homossexualidade, especialmente, ligados ao fato de ela não poder viver como tinha vontade. Na luta contra o patriarcado, portanto, ela se sentia junto com suas amigas em alguns momentos, mas também sozinha e, por isso, acreditamos que, no último romance, ela foi construída aparentemente solitária e fria, porque, em Itaiara, quem vivia publicamente sua homossexualidade era ridicularizada/o socialmente.

3. Rosa/Lena/Rosa: quem é essa personagem?

Dantas Neto (2018), em sua dissertação de mestrado intitulada “Lugares de Lindanor: um estudo sobre as perspectivas de região e espaço nos romances de Lindanor Celina”, faz um breve comentário acerca da mudança do nome de Rosa/Lena no romance *Estradas do Tempo-foi*. O pesquisador menciona que tal alteração pode ter motivações relacionadas à biografia da romancista, mas deixa a possível constatação sem conclusão, visto que não é o seu objetivo no momento:

A mudança do nome da personagem em *Estrada* seria uma forma encontrada por Lindanor Celina de resguardar a identidade da pessoa que motivou a criação da personagem? Encontrar a resposta objetiva dessa questão caberá ao raciocínio daqueles que busquem reconstituir historicamente, com ênfase em acontecimentos reais, a estruturação da obra da escritora. O que faço aqui nesta apresentação é identificar a discussão sobre a presença decisiva e quase óbvia até, para alguns estudiosos, como se verá, da biografia de Celina na construção de seus livros. (DANTAS NETO, 2018, p. 29)

Não pretendemos negar as considerações do autor, nem as responder com base em conclusões biográficas como ele sugere. Por meio do comentário dele, contudo, propomos uma interpretação voltada para o texto literário, com intuito de compreender quais significados as alterações do nome da personagem trazem para as narrativas. Para isso, acompanharemos o desenvolvimento dela ao longo da trilogia e, por meio daquilo que tais textos nos permitem inferir, isto é, por meio

dos seus ditos e, sobretudo, dos seus não ditos, faremos análise da personagem à luz da crítica sociológica; assim, consideraremos as ideologias extremamente conservadoras da sociedade da época – momento em que o país vivia sob o autoritarismo da Era Vargas.

No romance *Menina que Vem de Itaiara*, narrado em primeira pessoa por Irene, conhecemos Rosa por meio da memória e conclusões de sua melhor amiga. A narradora rememora vários momentos nos quais ela e a amiga compartilharam de cumplicidade e bagunças. Assim, sabemos que elas eram ótimas alunas no grupo escolar, mas também conhecidas na pequena Itaiara pelas desordens que causavam. Em uma de suas memórias, Irene descreve como eram as brincadeiras entre elas:

Brincadeiras perigosas, no quintal do grupo, sob o velho tamarindeiro. Que os anjos nos guardavam, que escapamos tanta vez da morte, penduradas só pelos joelhos na trave do poço, as colegas batendo palmas e dando gritos de excitação ante nossas proezas? Hoje, revendo tais cenas, é como se me visse um susto, um tardio sobressalto. Onde andavam, que faziam as professoras, que não viam duas meninas em tempo de morrer de morte horrível naquele poço que eu, cabeça para baixo, olhava lá dentro e mal divisava o brilho d'água, uma rodinha de nada, tão fundo era? (CELINA, 1997, p. 35-36)

Da união dessas duas meninas, que não se comportavam como era ensinado que uma menina devia se portar naquela época, surgiu uma linda e sincera amizade de infância. Em *Menina que vem de Itaiara*, sabemos pouco sobre a vida pessoal de Rosa, não há muita menção sobre seus pais; sobre sua mãe, sabemos que morreu no parto, informação que, no último romance, é revelada ser uma mentira contada pela sua família, pois, na verdade, sua mãe fugiu com um poeta e abandonou o marido e a filha. A menina mora com o pai, o avô e as tias e, apesar de ela ser uma menina muito levada, não há menções de grandes conflitos entre ela e seus familiares.

Em *Estradas do Tempo-foi*, romance em que Irene divide seu protagonismo com outras meninas, um narrador em terceira pessoa é responsável por contar as aventuras de Irene e suas amigas, que vivem suas adolescências no internato Santo Amaro em Belém. Dentre essas amigas, está a já conhecida Rosa, que passa a se chamar Lena, conforme explica Dantas Neto:

Heloísa, Lena e Aldora são as melhores amigas de Irene e moram, assim como ela, no Colégio Interno Santo Amaro, em Belém. A personagem Lena é a única que não possui um “livro” próprio na narrativa. No entanto, sua presença é outro elemento forte de ligação de *Estradas* com o primeiro romance de Lindanor, pois, pelas características descritas, assemelhasse a personagem Rosa Martins, presença constante em *Menina* como amiga de Irene e a companheira de brincadeiras e estudos, além de possuir origem pobre e também ser natural de Itaiara, como Irene. Lena constitui mais um sinal que aponta o caráter de continuação de *Estradas do Tempo-foi* em relação à *Menina que vem de Itaiara*. (DANTAS NETO, 2018, p. 27)

Lena é a mesma Rosa de Itaiara, contudo, algumas de suas características sofrem alterações: isso porque ela não segue apenas as bagunças iniciadas por Irene, ela comanda suas próprias; talvez isso ocorra porque Lena possui mais espaço na segunda obra, o que nos leva a conhecê-la para além

de apenas “a amiga da narradora-protagonista” do primeiro romance, ou porque, longe de Itaiara e de sua família, apesar de morar em um colégio interno católico, Lena sentia mais liberdade para desafiar com voz ativa os conservadorismos da época. O grupo que ela e Irene andavam no internato era formado por moças mais velhas, inteligentes e questionadoras. Por meio dessa amizade, Lena aprendeu organizar boas desordens e passou a ser uma líder nas bagunças:

Por isso Irene e Lena, ao invés de no recreio permanecerem com as de sua classe, ficavam a ouvir-lhes as conversas, querendo ser um pouco assim, adquirir o à-vontade, o prestígio delas.

Heloísa liderando brincadeiras. Lena com ela fazendo parelha. Ambas grandonas, seus tiros os mais violentos, no vôlei, no beisebol. Lena nas diabruras, já meio líder. (CELINA, 1971, p. 41-41)

Há nesse segundo romance, portanto, uma marcante mudança nas características da fiel companheira de Irene, que passa a ser apresentada como uma moça de personalidade forte, cheia de opinião e atitudes. Diante disso, interpretamos que a alteração no nome dela, de Rosa para Lena, acompanha a transgressão de sua identidade e personalidade.

Em Santo Amaro, Lena era uma das líderes por quebrar a tranquilidade “forçada” no dormitório do internato religioso. Nos trechos a seguir, por exemplo, ela e Irene executam um plano para enganar as freiras. As duas amigas arquitetam a pantomima para quebrar o silêncio imposto a elas após o jantar, momento em que devem se preparar para dormir. No desenrolar da encenação, no entanto, somente Lena se sobressai ao conseguir convencer a Madre com seus fingimentos:

Quem as visse subindo as escadas duas a duas na maior seriedade, iguais até nos passos que mais suaves se faziam a tais horas, não suspeitaria de coisa alguma. Foram entrando as primeiras, já ensinadas, caminhavam rente às camas, marginando, prudentes, a perigosa pista. Chegavam aos seus lugares, iam se despidendo, o olho na Lena. Esta foi se ficando para trás até ser a última e, mesmo bem defronte à sua cama, olha o quedaço. Logo Irene, mais aqui, das primeiras, imitiu-a. O ruge-ruge. A Lena aos urros: “Ui, ui, ui, meu mucumbu, meu mucumbu!” “Jesus, que horror é êste? Meninas, em nome de Deus, silêncio”, bradou a Madre. Mas as duas finórias, estendidas a comprido no chão, rebojavam-se, a dor mais lancinante estavam sentindo, ô queda traiçoeira. “Mas o que é isso, demônios, o que é isso? Ah, meu Jesus Cristo!” “O chão mestrinha – Irene nos lamentos – algum diabo encerrou este chão de proposito para nos desgraçar, ai, ai, meu mucumbu!”

[...]

Irene, na voz da Mestra Geral – era uma Irmã nova, vinda de Cajazeiras, intimidade nenhuma com ela se tinha ainda – calou-se aos poucos e foi-se erguendo, alisando o traseiro que dizia tão machucado. Porém, a Lena, não era com duas risadas que abdicava dos eu papel [...] A boa Madre começou a entrar em dúvida. E se aquele demônio tivesse sido castigado justo na hora da cavilação? Cavilação, pantomima, isso sabia, então era tôla? (CELINA, 1971, p. 136-138).

Interpretamos essas desordens, dentro de um ambiente extremamente conservador, como uma figuração do despertar que as mulheres do século XX estavam tendo e que as possibilitaram questionar com mais ênfase as regras “sagradas” que até então moldavam seus comportamentos, visto que até “o século XIX, as mulheres brasileiras, em sua enorme maioria, viviam enclausuradas em antigos preceitos e imersas numa rígida indigência cultural” (DUARTE, 2019, p. 27).

Irene é desmascarada sem dificuldade pela Madre, mas Lena, mestra em bagunças, coloca em dúvida as certezas da religiosa em relação a sua queda. Consideramos que essa façanha da personagem ressalta como ela era especialista em “encenar” – não no sentido de vê-la como uma fingida. Tal proeza, contudo, interpretamos como uma maneira encontrada pela romancista para revelar que, desde muito nova, Lena sabia se colocar em um papel que não era o seu; como veremos mais adiante neste texto, ao analisarmos a vida adulta da personagem em *Eram Seis assinalados*.

Ao longo de *Estradas do tempo-foi*, Lena é descrita como uma moça que sabe o que quer e não tem medo de se arriscar para conseguir o que deseja. Como pode ser visto na menção de sua paixão por uma freira e em suas atitudes perante à sua amada. No trecho a seguir, há a narração do momento em que ela decide iniciar uma “amizade particular” com a sua paixão:

Quem lucrava era Lena, que paixões não tinha. Amara, em tempos, uma freirinha coadjutora, uma das mãos brancas e grandes olhos. Amor começou na galhofa. A freira transitava pelo recreio, fim de tarde, cabeça baixa, em direção a capela. Lena achava-a lindinha: “Ei irmãzinha.” A irmã levantou os olhos do chão, que olhos bonitos, enormes, ô pestanas! “E como é o seu nome?” Freirinha sacudiu o dedo, vermelhinha ralhando-sorrindo, seguiu sem responder. Mas Lena deu de tocaia, para dar adeus, êsses dengos. (CELINA, 1971, p. 103)

Após Lena ter coragem de iniciar uma aproximação mais íntima com a freirinha, o narrador conta que elas começaram a se corresponder por bilhetes. Além da liderança, da ousadia para tentar iniciar algo duplamente proibido naquele ambiente conservador, isto é, um namoro com uma outra moça e, ainda por cima, uma freira; Lena tinha espírito de justiça e estava sempre disposta a defender sua amiga Irene de quem ousasse ofendê-la e/ou magoá-la.

Em *Eram Seis assinalados*, no entanto, todas essas características da personagem parecem ter se modificado. Nesse último romance, em que há múltiplas vozes responsáveis pela narração – um narrador em terceira pessoa e as vozes de Irene, dona Adélia e Maria Alzira, em monólogos interiores –, Lena é mencionada algumas vezes por Adélia, mãe de Irene, que a despreza por ela ter se afastado da filha, que sofria desprezo social por ter se envolvido com um padre.

O intrigante nesse último romance é que a personagem volta a se chamar Rosa, o que analisamos como uma evidência de que, naquele momento de sua vida, ela não podia ser mais quem era quando estava longe da família e dos julgamentos sociais dos moradores de sua pequena cidade do interior, ou seja, a Lena destemida, que brigava com quem fosse para defender sua amiga Irene e que tinha coragem de iniciar um namoro com outra moça. Mesmo considerando o retorno do nome da personagem no último romance para Rosa, como uma evidência de que ela não podia mais ser a Lena transgressora, veremos a seguir que ela criou estratégias para transgredir ao enclausuramento social que lhe era imposto.

4. Livro de Lena: censurado socialmente, mas narrado na ausência

Por meio da análise da fortuna crítica das três obras estudadas, constatamos que a sexualidade da personagem Lena não foi mencionada e analisada até o momento – mesmo após mais de cinquenta anos da publicação de *Estradas do tempo-foi*, obra na qual sua paixão por uma mulher é revelada.

O interesse da personagem por uma outra mulher é mencionado na narrativa como algo passageiro, como é possível notar em: “quem lucrava era Lena, que paixões não tinha. Amara, em tempos, uma freirinha coadjutora, uma das mãos brancas e grandes olhos” (CELINA, 1971, p. 103). Isso revela como as relações e desejos homossexuais eram vistos naquela época: algo temporário e por isso não mereciam grandes destaques e discussões – o que demonstra a discriminação que aquela sociedade perpetuava.

Em seguida, o narrador traz mais informações sobre o romance. Dessa maneira, a própria narrativa contradiz a pouca importância dada inicialmente ao introduzir o assunto; o que acreditamos enfatizar como relacionamentos homossexuais não eram passageiros, como aqueles que detinham poder para ditar regras sociais queriam que todos continuassem a acreditar. O romance mostra que as relações homossexuais eram impedidas de serem vividas livremente:

Heloísa notou: “Estas de amizade particular com essa? Hum, hum vê lá, olha a perseguição”. Que diabo, não se podia simpatizar especial com uma irmã, com uma menina, as outras já punham uns olhos farejadores de ... namôro, sim, namoro. Mulher namorando mulher, pro diabo. Coisa em que não fazia fé. Sempre ouvia ali veladas alusões às famosas “amizades particulares”: “Fulana está de amizade está de amizade particular com Fulana”. Em geral internas com externas, trocando bilhetes, santinhos, bombons. Aquilo tinha mal nenhum? Ora que coisa. Mas muitas sustentavam que no Santo Eustáquio, na Deodoro. Havia menina que de noite deixava tudo dormir e ia, de quatro pés, por debaixo das camas, até a da “namorada”, para ternos boas noites, no maior amor. Possível? Apaixonar-se por uma menina, axi! Heloísa, essa cuspiu, só de falar nesses xodós. Mas Lena, parecia-lhe bem simpática a Irmãzinha de Manaus, gostaria de conversar com ela, e não podia, era proibido, quem sabe por ser proibido é que reinava a tentação? Por isso acabavam apelando para correspondência secreta. Se ela escrevesse um bilhetinho àquela irmã, que cara que ela faria? Imaginava o bilhete: “Querida irmãzinha F. Gostaria tanto de conversar com a senhora, que a senhora fôsse minha amiga. Senhora quer?” Pois a Irmã respondeu. Deu santinho junto com o bilhete, devia estar bem precisada de uma amizade, pobre da freirinha. A Lena mostrou para Irene: “Que pena, mana, meu amor é analfa”: “Minha filha, seja prodente, reze por mim. Sua em Cristo, F”. O santinho era uma escada subindo para a claridade, e uma menina, uma alma em camisola, botando o pé no primeiro degrau, onde estava escrito prodência. Que lindo, a Lena entusiasmou-se, tinha uma amizade particular, e com uma freira, pena fôsse analfabeta, “prodente”, aquilo tirava um bocado à oculta afeição. (CELINA, 1971, p. 103-104)

Nesse trecho fica evidente como as relações entre pessoas do mesmo sexo eram censuradas. É possível constatar ainda que, aos olhos de Lena, o único defeito da relação entre ela e a freira não está no fato de ambas serem mulheres, mas no fato da outra moça não saber escrever conforme

as normas da Língua Portuguesa. Isso traz um certo humor para a narrativa, mas também mostra como sentir atração por uma pessoa do mesmo sexo não deveria ser um empecilho para iniciar uma relação amorosa com alguém; através de um humor aparentemente inocente, Lindanor faz uma crítica aos preconceitos homofóbicos que o conservadorismo possuía enquanto norma a ser seguida.

Para além dos explícitos e implícitos nas falas das personagens, nossa crítica também se constitui por meio do olhar atento para a própria divisão estrutural do romance *Estradas do Tempo-foi*. A obra possui quatro capítulos e estes estão dispostos como pequenos livros que compõem um maior, intitulados: Livro de Irene; Livro de Heloísa; Livro de Aldora; e *Sor Nogueira* – nesse último, há um avanço temporal significativo em relação aos demais e se concentra em narrar o retorno de Aldora para o internato Santo Amaro, como a freira Sor Nogueira.

Cada uma das protagonistas da narrativa possui problemas de gênero muito próprios. Irene é uma moça pobre que lida com opressão de classe, vinda das mães e de alguns colegas do internato; tem um amor de infância, mas se decepciona com ele. Heloísa é destemida, linda e rica, mas, por ser negra, sofre preconceito racial da família de seu namorado. Aldora lida com o fato de ser uma moça órfã e vive sob os cuidados de uma tia rica; seu destino é casar com seu primo, plano projetado por todos em sua volta, mas que não se concretiza. Lena, também pobre como a amiga Irene, não parece lidar com muitos problemas, a sua paixão pela freira é mencionada como algo passageiro e que não gerou sofrimento para ela.

Dessas quatro meninas, apenas Lena não tem um capítulo seu, o que consideramos intrigante, pois ela é uma personagem inegavelmente importante como as demais; o que demonstra uma descontinuidade na divisão do romance. Além disso, o quarto capítulo é bem menor que os demais e seu objetivo é narrar o desfecho do romance, o que poderia ter sido incorporado no próprio capítulo intitulado “Livro de Aldora”, posto que é através da interação dessa personagem com a Mestra Geral que temos o desfecho da obra.

Com base no despertar de sexualidade de Lena, que se dá fora dos padrões heterossexuais, concluímos que suas vivências não foram explícitas em um capítulo próprio para denunciar como sua orientação sexual era tratada com censura naquela época. Afinal, nos três primeiros capítulos do romance, Irene, Heloísa e Aldora vivem amores e desejos com rapazes, mas o desejo de Lena por uma mulher é mencionado apenas uma vez e em um único e longo parágrafo; como uma forma de marcar a marginalidade vivida pela personagem e apontar na tecitura narrativa como socialmente relações homossexuais eram consideradas ilegítimas. É como se a obra dissesse: tais relações existem e, mesmo que nossa estrutura social prefira tratá-las como caprichos passageiros da adolescência, a fim escondê-las e contê-las, elas são dignas de estarem figuradas na literatura.

É importante mencionarmos ainda que, apesar das amigas viverem romances com rapazes, suas histórias também são marcadas por transgressões, isto é, mesmo nas figurações de romances heterossexuais, a romancista optava pelo não conservadorismo. Como acontece com o despertar sexual de Irene, que foi por ela iniciado sem a presença física de um rapaz:

As mãos dele já desciam, erravam-lhe pelo corpo, buscando-lhe o colo, os pequeninos seios, ah! Isso não, moço! Pode agradar, se quiser, meus cabelos, comer de beijos minhas mãos, meus braços, mas isso, não! Olhe, sinta meus cabelos são cumpridos, macios como sua barba, mas meus seios, não, moço, não pode! Segura-lhe a mão, rebelde a mão insiste, mas ela segura com força, desvia do pe-

rigoso caminho, leva-a ao próprio rosto, assim, quero que desenhe o meu rosto assim como eu desenho o seu, na treva, mas, seu rosto!, ela acariciava o próprio rosto, sentia-lhe as espinhas, a pele áspera; não, as espinhas não, ele não ia gostar, bom que tocasse mesmo onde sua pele era de seda, bem onde queria, os braços, o colo, os seios que ele buscava, louco, seios tão macios e brancos e duros. Ah, as mãos dela desprezavam o próprio rosto, e acariciavam seus próprios seios rijos e virgens, arrepiados pelo frio da madrugada, ela está pecando, sem ir a cabana nenhuma, sozinha, sem dar um passo fora do dormitório, está pecando, segurando os seios, fechando os olhos, fazendo de conta que era ele, o barba-loura, os dos olhos cadentes, ai, minha comunhão que estou perdendo!, como seria o corpo dele, como seriam os beijos dele, nunca iria saber, nunca! Tentava reagir, mas estava era se rebolando no maior pecado, desejando aquele homem que ela mal conhecia como jamais em um dia de sua vida desejara Maurício. Pela primeira vez figurava na mente, visualizava, querendo-o, o corpo de um homem. Isso na brancura do dormitório, a Madre bem ali, a santidade muita, debulhando terços, e ela debulhando suspiros, lágrimas de desejo por ele, ah! (CELINA, 1971. p. 55-59)

Por meio de uma linguagem carregada de suspense, a narração proporciona a sensação de angústia, como aquela sentida pela personagem que imagina e vive algo considerado proibido, já que o sexo fora do casamento e a masturbação feminina eram vistos como um dos piores pecados, sobretudo, dentro de um ambiente religioso como o internato. A linguagem suaviza poeticamente o deleite da personagem que, sozinha, lhe proporciona suspiros de gozo ao se tocar. Debulhar o terço tem a ver com o ato de usar os dedos para marcar as orações nas bolinhas que compõem o objeto religioso. Assim, compreendemos o “debulhar suspiros” e “lágrimas de desejo” não só com os pensamentos sexuais que ela estava tendo, mas com a utilização dos dedos para o seu próprio prazer, ou seja, assim como a narrativa diz que ela tocou os seios, a metáfora mostra que ela também tocou sua vulva e vagina para se masturbar e, assim, teve seu gozo: lágrimas e suspiros de prazer ao se debulhar/tocar.

Esse episódio, além de tratar o desejo feminino de forma natural, mostra como o sexo para uma mulher podia ser desvinculado de sentimentos, compromissos, namoros e casamentos, tal como os homens estavam autorizados a viver há séculos. O gozo é tecido como algo natural e não como algo imoral como os costumes da época apontavam ser para uma mulher. Lindanor, portanto, ousou desafiar o patriarcado com suas personagens e suas sexualidades – heterossexuais e também homossexual, como acontece com Rosa/Lena.

Por meio da ausência do capítulo de Lena e da inegável importância das suas experiências, concluímos que o capítulo “Livro de Lena” foi construído estrategicamente pela romancista em meio aos Livros de Irene, Heloísa e Aldora, visto que é através deles que as informações sobre a personagem nos chegam, isto é, suas transgressões e desejos que não se encaixam no padrão heteronormativo e, por isso, não estão em evidência no romance como as experiências das demais moças, pois, como afirma Butler (2003), a heterossexualidade compulsória tem como consequência a tentativa de apagamento de outras formas de se viver a sexualidade:

A ‘unidade’ do gênero é o efeito de uma prática reguladora que busca uniformizar a identidade do gênero por via da heterossexualidade compulsória. A força dessa prática é, mediante um aparelho de produção excludente, restringir

os significados relativos de ‘heterossexualidade’, ‘homossexualidade’ e ‘bissexualidade’, bem como os lugares subversivos de sua convergência e re-significação. (BUTLER, 2003, p. 57)

De tal maneira, há séculos nossa sociedade tende a se pautar em concepções normativas para manter a heterossexualidade como a forma única e correta de vivermos nossa sexualidade, o que contribui para manutenção de preconceitos que enclausuram muitas vivências. Nesse romance, portanto, com a personagem Lena e seu “Livro censurado”, a escrita da romancista enfatizava a falta de espaço para narrativas lésbicas na sociedade, mas também lembrava que o texto literário é lugar de resistência, por ter a possibilidade de trazer tais narrativas, ainda que de forma esteticamente escamoteada, para driblar conservadorismos.

Por meio da ênfase na ausência de um capítulo dedicado para as vivências de Lena, afirmamos que a escrita feminina de Lindanor ressalta a presença de vivências lésbicas marginalizadas socialmente naquela época, pois, por mais que a sociedade patriarcal subalternizasse tais existências, elas sempre existiram e resistiram, mesmo que relegadas às margens. A lacuna do “Livro de Lena” e sua narrativa tecida aos poucos ao longo do romance destacam, portanto, a sua presença enquanto mulher lésbica merecedora de espaço para ter sua narrativa contada.

5. Pelas Ruas dos Fundos, Terrenos Baldios, Becos e Arruados de Subúrbio: vivendo e resistindo pelas margens

Em *Eram seis assinalados*, como já mencionado, Rosa/Lena não possui tanto destaque; a personagem é citada poucas vezes por Dona Adélia, que demonstra mágoa e desprezo pela amiga da filha. As informações que temos é que ela estava trabalhando como professora após retornar formada do internato, assim como a sua melhor amiga Irene, e estava noiva de um juiz. Dona Adélia, ao lamentar sobre o caso de Irene com o padre, fala da amizade das duas e do afastamento de Rosa:

Ciente de tudo deve ser a Rosa. Eu, às vezes, compreendo a atitude péssima da Rosa, que num minuto passou uma borracha em quantos anos de amizade. Medo faz coisa, pavor do escândalo, ser igualmente demitida, por cúmplice, afinal o que seria dela se lhe falhasse o emprego? Não perderia o noivo, no mesmo seguinte? Não é fácil se ter dessas coragens. Mas doe! Em mim, que a Irene não liga. Me pergunto se tem um tico de amor próprio. Pois abre os braços à antiga colega como se nada fosse:

“Mamãe, a Rosa mandou dizer que vem almoçar amanhã, a senhora faz galinha, de molho pardo? Faz?”

Eu abanei a cabeça, minha pobre burra, não aprendes nunca? Esqueceste o que te fez essa diz-que amiga? (CELINA. 1994, p. 60)

Para Adélia, que viu a amizade da filha e de Rosa se constituir desde a infância, o desprezo de Rosa é como um soco no estômago. Aquela/e que leu toda trilogia e acompanhou toda a amizade e cumplicidade entre as amigas Irene e Rosa pode interpretar essa situação como uma imperdoável traição – posto que elas eram como irmãs e confidenciavam segredos íntimos –, mas essa seria uma leitura superficial e desatenta, por desconsiderar toda crueldade patriarcal que influenciava severamente as atitudes e decisões de muitas mulheres naquela época.

Esse diálogo entre Adélia e Irene possibilita que verifiquemos que a alcunha de traidora dada para Rosa é advinda da interpretação pessoal de Adélia. Por meio de uma conversa entre mãe e filha, narrada por Adélia, sabemos que Rosa não se afastou totalmente de Irene e a própria moça defende a amiga da mágoa da mãe. Mas Adélia, furiosa, insiste em discordar e comenta que Rosa só visita Irene escondida:

- Vem escondido! Por detrás do campo de futebol! Cadê que escolhe as ruas de toda gente? Cada vez, é que nem um ladrão, pelos becos, pelos arruados de subúrbio até chegar aqui, não sei como não entra pelos fundos.

E a tola da minha filha inda desculpa: “Mamãe, pela Rosa, ela seria toda vida a minha irmã. É o dr. Junqueira. Ele é juiz, ele quem exigiu que ela não fosse vista comigo, Rosa me contou chorando, ela me quer bem, mas não vai por minha causa arruinar seu futuro. Senhora não sabe as lutas que dr. Junqueira teve de enfrentar para manter esse noivado, pessoas que saíram dos meus cuidados e foram lá, como para uma audiência, só que no hotel, no quarto dele, num ato de amizade,

‘de quem quer o seu bem, doutor, evitar que o senhor se deixe enlear como um patinho e arrepende-se quando tarde for...’

isso porque a mãe da Rosa... coisas o passado, doutor Junqueira não a amasse muito, teria pedido transferência para outra comarca ou simplesmente rompido com ela. Eles sofrem, aqueles dois, mãe!”. (CELINA, 1994, p. 61)

Nesse momento, Irene revela para a mãe que o companheiro de Rosa/Lena, Dr. Junqueira, que era juiz na cidade, é quem mandou que Rosa/Lena não fosse vista publicamente com ela. O que enfatiza a subalternidade de uma mulher perante ao marido naquela época, algo recorrente no século passado; pois com lembra Scott (2018), por longos séculos no Brasil todos os parentes e/ou dependentes eram submissos ao poder do patriarca da família; assim, a mulher passava da autoridade do pai para a do marido, pois “o domínio masculino era indiscutível. Os projetos individuais e as manifestações de desejos e sentimentos particulares tinham pouco ou nenhum espaço quando o que importava era o grupo familiar e, dentro dele, a vontade do seu chefe, o patriarca, era soberana” (SCOTT, 2018, p. 16).

Em anos de 1940, as leis do país ainda ditavam como as mulheres deveriam desempenhar um modelo ideal de papel social feminino, no qual o casamento era o objetivo a ser perseguido e mantido. A historiadora brasileira Del Priore (2014) comenta que o presidente Getúlio Vargas, em um decreto de abril de 1941, ainda perpetuava que a educação feminina deveria ter como finalidade formar mulheres para o casamento, administração do lar e maternidade.

Nesse contexto, Junqueira, como legítimo representante patriarcal, não se importava com as vontades da noiva, mas com a imagem da sua futura família. Por isso, a amizade de Rosa/Lena com Irene era inaceitável, visto que a relação da noiva com uma mulher mal falada socialmente mancharia seu nome; lembremos que, naquela época, as mulheres consideradas dignas de serem escolhidas por um homem para o casamento deviam ser “as recatadas, capazes de se enquadrar nos padrões de ‘boa moral’ e da ‘boa família’” (DEL PRIORE, 2014, p. 67). Ainda no diálogo anteriormente citado, verificamos que Rosa não obedeceu totalmente a vontade do marido, pois não deixou sua amizade com Irene totalmente de lado e, para visitar a amiga, passou a andar por caminhos “invisíveis” aos olhos sociais vigilantes:

quando aqui comparece, vem pelas ruas dos fundos, pelos terrenos baldios, para não ser de ninguém apercebida, vem, come que nem um cavalo, mal acaba, pé no mundo, cadê que se lembra de dizer, por uma elegância de quem teve afinal cinco anos de educandário: Ô Irene, aparece lá em casa, larga de andar socada pelos morros, tu acabas emburrando, de tanto frequentar analfabetos, mas os analfabetos não lhe fecharam a porta. A tal Rosa anda nos trinques, só recebe as princesas-professoras suas colegas, oferece almoço à mulher do médico, aos altos comerciantes, Rosa arrota grandezas. (CELINA, 1994, p. 44)

As andanças da personagem por caminhos poucos frequentados e, portanto, clandestinos, foram adotados estrategicamente por ela para poder ver a amiga Irene, ou seja, para realizar uma vontade própria sua. Com tal informação, sentimos ainda um resquício da presença da destemida e transgressora Lena, aquela moça cheia de vontades, líder em desordens e que se apaixonou por uma mulher no internato Santo Amaro.

Consideramos a tática da personagem em andar pelas “margens dos caminhos sociais” como forma de resistência ao que o patriarcado lhe ordenava através do poder do seu futuro marido. De tal modo, acreditamos que Rosa adulta era habituada a ter experiências escondidas, ou seja, vivências socialmente proibidas pela “moral e bons costumes” da época. Nesse sentido, enfatizamos que o seu interesse por mulheres não foi algo passageiro, como a superfície textual de *Estradas do Tempo-foi* deixa explícito.

Ao tratar sobre lesbianidade e feminismo, hooks (2019) comenta que “a homossexualidade entre homens era mais aceitável que a lesbianidade”. Segundo a autora, as lésbicas “eram normalmente casadas. Ainda assim, sabiam quem realmente eram. E elas deixavam seu verdadeiro eu ser conhecido entre quatro paredes, em casas noturnas e festas” (HOOKS, 2019, p. 138). Diante de tal comentário e da situação que a personagem Rosa vive no último romance da trilogia, compreendemos que suas andanças pelas ruas dos fundos, terrenos baldios, becos e arruados de subúrbio, podem indicar sua forma de resistência, o que demonstra que a personagem não era tão submissa ao marido como os ditos da narrativa nos contam.

Tudo isso nos leva a perceber que Lena passou a ter uma vida dupla em Itaiara. Assim, em alguns momentos ela era a Rosa: que agradava o marido e, portanto, o patriarcado em sua vida socialmente pública; mas, em outros, ela era Lena, que realizava seus desejos em uma vida que só podia ser concretizada na clandestinidade, nas “ruas dos fundos”, “terrenos baldios”, “becos” e “arruados de subúrbio”, ou seja, pelas margens daquela sociedade misógina e homofóbica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos personagens femininas de Lindanor Celina como Rosa/Lena, cuja figuração pouco é mencionada nas pesquisas até então realizadas, nossa pretensão é alargar os estudos sobre a literatura dessa escritora que não tem seu projeto literário conhecido como o mesmo é merecedor e, conseqüentemente, fazer uma contribuição para movimento de revisão do cânone literário. Além disso, ressaltamos como a sua escrita estava comprometida com os femininos de maneira potente.

Acompanhar o desenvolvimento da personagem Rosa/Lena nos romances *Menina que vem de Itaiara*, *Estradas do Tempo-foi* e *Eram Seis assinalados* nos possibilitou verificar como sua sexualidade não pôde ser vivida publicamente. Os seus dois nomes revelam tanto a sua transgressão quanto sua

repressão; o seu protagonismo encoberto mostra como vivências que não acompanhavam a heterossexualidade compulsória eram marginalizadas em nome de uma normatividade carregada de conservadorismo, defendido e mantido pelo patriarcado para dominar corpos, mentes e existências que não seguem suas preconceituosas normas.

Com base em todas essas interpretações, afirmamos que a escrita feminina de Lindanor Celina estava comprometida com questões femininas/feministas plurais. Afinal, ela coloca em evidência, no segundo romance da trilogia, mulheres com problemas de gêneros permeados por várias intersecções, como a condição da lesbianidade de Lena analisada neste texto. Ao fazer isso, ela problematiza como a sociedade daquela época era predominantemente conservadora e, apesar de já ser aceito socialmente que uma mulher podia ter uma profissão, ela estava presa em outras opressoras regras patriarcais.

Lembremos, como menciona Del Priore (2014), que o perfil da mulher brasileira nas décadas finais do século XX havia mudado bastante em relação ao que era perpetuado nos séculos anteriores. Entretanto, segundo a autora, o pensamento feminino encontrava-se dividido entre valores novos e tradicionais; assim, mesmo as mulheres estando a favor do direito ao trabalho fora de casa, elas não tinham certeza quanto à vida sexual livre para as solteiras, a legislação do aborto e eram contra a homossexualidade.

Se tal mentalidade era vigente no final do século passado no país, imaginemos como era a de mulheres e homens das primeiras décadas daquele mesmo século. Nesse sentido, as vivências figuradas por Rosa/Lena em anos de 1930 e 1940 apontam potentes reflexões sobre como a sexualidade de mulheres lésbicas foi enclausurada por longos anos, pois ter um relacionamento homossexual público foi inconcebível para a personagem naquele contexto conservador ambientado na pequena Itaiara.

Em relação à representatividade feminina, consideramos Rosa/Lena duplamente interessante, pois, além de ser uma moça que transgredia regras que a subalternizava, ela não era uma mulher hétero, o que é significativo, tendo em vista que “a mídia de massa convencional sempre acolheu uma mulher heterossexual para representar o que o movimento feminista defende – quanto mais hétero melhor” (HOOKS, 2019, p. 142). Desse modo, um dos protagonismos femininos presentes em *Estradas do tempo-foi* está centrado em uma mulher que não “apela” para a universalidade feminina, o que vai na contramão de pensamentos colonialistas que desconsideram as intersecções entre gênero, raça, classe, sexualidade, geopolítica e etc.

Rosa/Lena não teve sua relação com uma mulher descrita e narrada explicitamente, mas mandou bilhetinhos para sua primeira paixão e, depois de casada, viveu sua sexualidade como podia. No entanto, mesmo sem uma descrição explícita, suas vivências homoafetivas estão ali, encobertas nas estruturas textuais dos romances, isto é, tal qual sua sexualidade foi vivida: às margens. Essas margens, contudo, gritam por espaço e respeito – da escritora e daquelas/es que leem a trilogia e conseguem captar nas entrelinhas o quanto essa personagem resistiu à heteronormatividade mesmo não podendo amar uma mulher em público como gostaria e merecia.

REFERÊNCIAS

- BELDRAN, Madeleine. Menina Linda. In: TUPIASSÚ, Amarilis; PEREIRA, João Carlos; BELDRAN, Madeleine (Org.). *Lindonor, a menina que veio de Itaiara*. Belém: Secult-PA, 2004.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.
- CELINA, Lindanor. *Estradas do tempo-foi*. Belém: JCM, 1971.
- CELINA, Lindanor. *Pranto por Dalcídio Jurandir*. Belém: SECDET, 1983.
- CELINA, Lindanor. *A viajante e seus espantos*. Belém: CEJUP, 1988.
- CELINA, Lindanor. *Diário da ilha*. Belém: CEJUP, 1992.
- CELINA, Lindanor. *Eram seis assinalados*. Belém: CEJUP, 1994.
- CELINA, Lindanor. *Menina que vem de Itaiara*. Belém: CEJUP, 1997.
- CELINA, Lindanor. *Crônicas intemporais*. Belém: CEJUP, 2003.
- DANTAS NETO, Abílio Cavalcante. *Lugares de Lindanor: Um estudo sobre as perspectivas de Região e Espaço nos romances de Lindanor Celina*. 2018. 127 f. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Linguagens e Saberes na Amazônia) – Universidade Federal do Pará, Bragança, 2018.
- DEL PRIORE. *Histórias e conversas de mulher*. São Paulo: Planeta, 2014.
- DUARTE, Constância Lima. Feminismo: uma história a ser contada. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque (org.) *Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.
- HOOKS, Bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2019.
- NERY, Guthemberg Felipe Martins. *A professora primária nas personagens femininas nas obras romanescas de Lindanor Celina (1920-1930)*. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2023.
- OLIVEIRA, Rosa Helena Sousa. *Reflexões sobre a estrutura narrativa em Eram seis assinalados, de Lindanor Celina*. Dissertação (Mestrado) - Programa de Mestrado em Letras/Estudos Literários, Campus Belém, Universidade Federal do Pará, Belém, 2009.
- PENHA, Maria das Neves de Oliveira. *A cartografia de Irene na trilogia de Lindanor Celina*. Dissertação (Mestrado) - Programa de Mestrado em Letras/Estudos Literários, Campus Belém, Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.
- PENNA, Lucimar Coelho. Linda. In: TUPIASSÚ, Amarilis; PEREIRA, João Carlos; BELDRAN, Madeleine (Org.). *Lindonor, a menina que veio de Itaiara*. Belém: Secult-PA, 2004.
- PEREIRA, João Carlos. *O amor segundo Lindanor Celina e Serge Casba (II)*. Belém, 15 jan. 2020a. Disponível em: <<https://ignatiana.blog/2020/04/15/lindanor-2/>>. Acesso em: 08 jun. 2022.
- PINTO, Elias Ribeiro. Lindanor e o demônio da escrita. In: *Revista sentidos da cultura*, v. 4, n.7, Belém, 2017, p. 117-124.
- SALDANHA, Carla Figueiredo Marinho. *Pelos olhos de Irene - deslindando Lindanor, Escritora, Personagem*. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Pará, Belém, 2022.

SANTOS, Eunice Ferreira dos Santos; RIBEIRO, Lilian Adriane dos Santos. A escritura literária das mulheres paraenses: recepção entre leitores/as e cânone. In: *Revista Itabaiana: GEPLADDE*, Ano 07, V. 14, jul./dez, 2013.

SCOTT, Ana Silva. O caleidoscópio dos arranjos familiares. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2018.

SILVA NETO, Francisco Rodrigues. VIDAL, Cláudia Valéria França. Literatura paraense de autoria feminina: uma perspectiva diacrônica. In: *Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP*, Macapá, v. 13, n. 1, p. 07-20, jan./abr. 2020.

TUPIASSÚ, Amarilis. Lindanor, qual um rio a fluir impetuoso. In: TUPIASSÚ, Amarilis; PEREIRA, João Carlos; BELDRAN, Madeleine (Org.). *Lindanor, a menina que veio de Itaiara*. Belém: Secult-PA, 2004.